

Extraordinário: relação educativas entre corpo, deficiência e linguagem cinematográfica

Luciana Pariz Bitencourt ¹
Emanuelle Justino dos Santos ²

RESUMO

O estudo objetiva elaborar algumas significações educativas sobre a deficiência e a expressividade corporal no cinema, bem como elaborar proposições educativas que contribuam para ressignificação dos estudos sobre corpo e deficiência, dando visibilidade a pessoa com deficiência física no contexto da educação. O trabalho adota a abordagem metodológica da fenomenologia de Merleau-Ponty(1999), realizando a descrição e redução interpretativa do filme Extraordinário. A sua fenomenologia, busca interpretar a corporeidade vivida como historicidade, as afecções, as emoções, as experiências, incluindo o mundo cultural, a abertura para esse conjunto de informações e de expressões como artes, ciências e história. A película destaca os desafios enfrentados do corpo deficiente e sua relação com o mundo numa perspectiva da historicidade, tramas, dramas e as expressões da linguagem do corpo, contanto a história de August Pullman um menino de 10 anos que nasceu com uma deformidade craniofacial extremamente rara, a Síndrome de Treacher Collins. O corpo com deficiência passa por processos de aceitação/rejeição de sua condição existencial, pois está intimamente ligado à percepção. No decorrer do filme, a rejeição do corpo com deficiência física, que é estigmatizado com o preconceito e a discriminação, vivenciados inicialmente na escola. Por fim, compreendemos que, através desta película, o exercício educativo de olhar e apreciar as produções, contribui para ampliarmos e reconhecermos aspectos educativos importantes para abordar a intercorporeidade das pessoas com deficiência física, numa temática mais humana.

Palavras-chave: corpo, deficiência física, cinema, educação.

INTRODUÇÃO

As relações afetivas do público com um filme do qual acabou de assistir, e as discussões que são geradas pela obra cinematográfica, influenciam a vida dos sujeitos por aquilo que as narrativas evidenciam em sua apreciação. A atuação dos atores, as narrativas, entre outras qualidades estéticas do cinema, geram múltiplas significações educativas que podem ampliar nosso olhar sobre o sensível, o lúdico, o corpo e a expressividade dos corpos deficientes na cultura de movimento.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Faculdade de Natal/RN, lucianaparizrn@outlook.com

² Mestra em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEF/UFRN). Professora de Educação Física da Rede Municipal de Natal/RN, manusantos.ef@gmail.com.

Segundo Lopes (2015), o termo cultura de movimento refere-se ao modo como os povos se movimentam, correm, andam, praticam esportes, atividades artísticas, entre outras atividades culturais em uma determinada sociedade. Neste sentido, a experiência que o cinema nos permite vivenciar abrange também o universo da cultura de movimento, abrindo portas para outros horizontes de significações relacionadas à expressividade do corpo e do movimento, além de uma percepção estética da vida cotidiana (LOPES, 2015).

Uma das necessidades educativas mais evidentes, na contemporaneidade, se refere ao fato de que a educação precisa considerar o corpo deficiente como sujeito de suas ações e criador de sua existência. Os dispositivos normalizadores precisam ser flexibilizados para que o corpo tenha a possibilidade de transgredir regras, demonstrar seus sentimentos, experimentar situações lúdicas e estéticas, entre outras possibilidades educativas que ampliem o conviver (NÓBREGA, 2010; 2018).

A fase de adaptação escolar é difícil para qualquer criança, e é mais desafiadora para quem é discriminado pela aparência, como é o caso de August Pullman, protagonista do filme *Extraordinário*. Nesse sentido, temos o desafio de analisar a expressividade humana e suas nuances educativas existentes nas cenas do filme referido, que tratam da questão de corpos com deficiência e os diversos desafios, contidos na história humana, de ser e existir no mundo sendo considerados diferentes, abordando o preconceito social diante do estranho e da doença vista como aberração. Tal temática precisa ser mais investigada na educação e demais ciências humanas para gerarmos transformações e melhores relações de convívio, respeito e acolhimento aos diferentes modos do corpo deficiente no mundo.

O corpo revela-se como linguagem, presença viva em movimento, no tempo e no espaço, em uma relação homem e mundo. Já o cinema pode proporcionar a oportunidade de ampliarmos nossos horizontes sobre o entendimento do corpo deficiente trazendo muitos ensinamentos para nosso viver, adentramos em um universo em que as histórias são apresentadas em um tempo e espaço ampliado da percepção cotidiana. A percepção está arraigada no corpo próprio, experimentado, vivido, sem reduzir-se a um conjunto de impressões, sensações reconstruídas da consciência reflexiva.

O estudo objetiva as significações educativas sobre o lúdico, a deficiência e a expressividade corporal no cinema, bem como elaborar proposições educativas que contribuam para ressignificação dos estudos sobre corpo e deficiência, a cultura, a Pedagogia e áreas afins, dando visibilidade a pessoa com deficiência física no contexto da educação.

Nessa lógica, estruturamos o presente artigo com essa breve justificativa sobre a importância do estudo. Em seguida, com um estudo aprofundado sobre o tema iremos fomentar em várias linhas de pensamentos sobre a intercorporeidade, a estesiologia e a deficiência física numa visão fenomenológica nas narrativas filmicas. Abordando as relações da corporeidade e da percepção.

METODOLOGIA

O trabalho adota a abordagem metodológica da fenomenologia de Merleau-Ponty, realizando a descrição e redução interpretativa do filme Extraordinário de 2017. “A redução põe em parênteses as relações espontâneas da consciência não para negá-las, mas para compreendê-las” (MERLEAU PONTY, 2006, p. 402).

A película destaca os desafios enfrentados do corpo deficiente e sua relação com o mundo numa perspectiva da historicidade, tramas, dramas e as expressões da linguagem do corpo, contando a história de August Pullman, de apelido Auggie, um menino de 10 anos que nasceu com uma deformidade craniofacial extremamente rara, a Síndrome de Treacher Collins. O filme se apresenta sob várias narrativas de seus personagens, as lições amorosas e super protetora de sua mãe, os conselhos da sua tímida irmã e o companheirismo de seu pai, e como a doença impactou a vida de todos que rodeiam o menino Auggie.

A vivência do corpo sob olhar fenomenológico é a atitude de envolvimento de interação do eu com o mundo. As significações da linguagem do corpo como expressões de si mesmo e como comunicação com o mundo. A experiência do corpo no mundo está ligada à sua história, às suas representações socioculturais e ao espaço ou ao ambiente em ele está inserido (ROVALETTI, 1998).

O método fenomenológico é, antes de tudo, a atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la. Essa posição não é uma representação mental do mundo, mas envolvimento que permite a experiência, a reflexão, a interpretação, a imputação e a compreensão de sentidos (NÓBREGA, 2010).

A pesquisa aborda o contexto sócio cultural dos personagens, suas emoções, seus movimentos e expressividades. A análise constituiu na inserção e posterior interpretação das narrativas fílmicas, respondendo aos elementos constitutivos do filme *Extraordinário*, que conta a história de Auggie, e sua trajetória de adequação no universo escolar, a intercorporeidade, da criança com deficiência física em sua visão fenomenológica, buscando a historicidade vivida, do corpo próprio enquanto lugar onde habita e experimenta o mundo. A relação de ver e o olhar, ressignificam nossa percepção, as experimentações do corpo que sente e também é sentido, que toca e é tocado, pois o corpo estesiológico é campo de experiência, de sensações, nessa relação do ser com o mundo, (estéticas e técnicas do cinema), em diálogo com os referenciais especificados no corpo deste escrito, especialmente Lopes (2015), Merleau-Ponty (1999) e Nóbrega (2018; 2010). No estudo também houve diálogo com Belo (2020) e Caminha (2019).

A partir do diálogo com nosso referencial, haverá abertura para o inédito e o instigante ofício de dar sentido, arrumar ideias, questionar o escrito, ponderar, arriscar e articular algumas partes para traçar percursos interpretativos sobre o fenômeno investigado, migrando para novos entendimentos e compondo uma cartografia do sensível nas várias nuances educativas da expressividade humana no cinema. Esse exercício pode ser metaforizado ao ofício de uma bordadeira: engajada na elaboração de sua peça artesanal, ela se dispõe por inteira para tecer seu bordado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A linguagem do cinema expõe uma nova percepção dos corpos com deficiência física de modo que possamos desvelar relações de ver, pensar e ser corpo com deficiência física. As imagens fílmicas comunicam as suas linguagens visual e verbal, por meio de gestos, falas, músicas e fotografia. O filme *Extraordinário*, conta a história de August Pullman, um menino de 10 anos que nasceu com uma deformidade

craniofacial muito rara chamada de Síndrome de Treacher Collins, da qual ele teve que se submeter a 27 cirurgias para melhorar sua condição respiratória e alimentar, mas não conseguiram fazer ele ter uma aparência comum.

Figura 1 – Primeiro dia de aula



Fonte: adorocinema.com.

Apesar de viver rodeado de muito amor e cuidados de sua família, chegou a hora do pequeno Auggie, deixar os estudos na esfera familiar e frequentar a escola regular. O menino se deparou com ambiente de discriminação e preconceito por ser “diferente”, travando uma luta para superar esses obstáculos.

Ele enfrenta os diversos preconceitos dos estudantes quando começa a frequentar a escola. É lá que ele precisa lidar com a sensação constante de ser sempre observado e avaliado por todos à sua volta (BELO, 2020).

Mas todas as batalhas tinham um aprendizado de superação que iam desde os conselhos de sua mãe para ser superior a pessoas mesquinhas, a usar a imaginação nos momentos que ele não se sentia confortável quando todos olhavam suas cicatrizes, e ao mostrar suas rugas no rosto, a mãe dele lhe dizia: “o coração é o mapa que nos mostra onde vamos, o rosto é o mapa que mostra onde estivemos”, e o apoio de seu pai sempre com carinhoso e protetor. Também sua irmã Via, uma adolescente tímida e discreta que aconselha o irmão a não se importar que o olhem, a não se esconder das outras pessoas. O filme conta a história em várias perspectivas, narrando os fatos sob vários pontos de vista. Como a doença impactou a vida de todos que o rodeiam.

Figura 2 – Auggie pelos corredores da escola



Fonte: adorocinema.com.

Auggie é observado por todos, mas apesar das dificuldades foi conquistando a amizade dos colegas que começaram a perceber o menino criativo, engraçado e muito inteligente. A imagem corporal da pessoa com deficiência apresentada nas obras cinematográficas retrata sua historicidade, memórias e experiências vividas, interligando presente e passado em comunicação com outras pessoas, conduzindo-nos a reaprender a ver esse corpo e a compreender como a autoimagem se elabora.

Mesmo os meninos que fizeram bullying com ele na escola, reconheceram sua conduta valorosa, deixando claro que o definia não era a sua aparência e sim suas atitudes. Possibilitando valiosos ensinamentos, explicitados nos espaços de resistência e transformações, acolhimento e elaboração de novos aprendizados e laços afetivos, compondo um olhar diferente para esse corpo e sua relação com o mundo, a sua subjetividade, que está vinculada ao ambiente que ele habita, pois está presente no mundo e nele interage, transcende de si mesmo e se organiza seguindo sua significação. O cinema por ser uma arte criativa e discursiva permite aguçar essa percepção.

Ao analisarmos as diferentes percepções que são apresentadas nas diversas expressões, nos deparamos com a estigmatização acentuada na não aceitação social, colocando à prova as habilidades de resolução dessas relações, sejam elas entre a família, amigos e principalmente no ambiente escolar, no qual a película retrata. “Quando um estigma é imediatamente perceptível, permanece a questão de se saber até que ponto ele interfere com o fluxo da interação”. (GOFFMAN, 2017, p.59).

A relação de Auggie com os amigos no refeitório da escola, demonstra como o menino está se percebendo como um corpo sem sua deformidade, conforme a aceitação

dos colegas essa percepção foi tomando outras significações que se entrelaçam ao seu mundo vivido, do qual pode ser relacionado ao mundo vivido de tantas outras crianças com deficiência que enfrentam desafios perceptivos similares a esse. Desse modo, a percepção diz respeito a um mundo percebido onde os objetos e os acontecimentos possuem significados variados, conforme os contextos distintos em que ela se desenvolve, como constatamos (LIMA NETO; NÓBREGA, 2014).

Figura 3 – Auggie com os colegas no refeitório.



Fonte: culturagenial.com

A experiência educativa que os filmes proporcionam, nos levam ao universo da intercorporeidade, que é a relação entre os corpos, deste corpo com deficiência física de maneira extremamente relevante. A construção do sujeito do movimento e da percepção e sua relação com o mundo, transmuta o menino numa ação corpórea tanto familiar, quanto na escola ou com amigos. Aos poucos Auggie vai reaprendendo a ver o mundo. Isso significa que ele não é apenas uma experiência de meu corpo, mas ainda uma experiência de meu corpo no mundo (MERLEAU-PONTY, 1999).

Ao relacionarmos as imagens filmicas, percebemos a estesiologia, se faz presente em muitas cenas. De acordo com NÓBREGA (2010) a estesia é a força que nos tenciona a nos fazer presente no mundo e de maneira sensível, em que esse corpo que chamo de “meu” é também a divisão entre os corpos, a troca de interação corpo-mundo. A relação do protagonista com seus colegas no refeitório à exemplo. Essa relação do corpo estesiológico, Merleau Ponty, fala sobre a ampliação do entendimento do corpo como sujeito, conforme diz NÓBREGA (2010, p.72): “ Merleau

Ponty em sua filosofia compreende o corpo como sendo estesiológico, corpo que se move e que deseja”.

Através do cinema podemos ter e ver o registro de uma construção espacial, ou seja, a imagem corporal elaborada em sua apreensão de mundo e de suas expressões corporais, quando utilizamos movimentos corporais estamos transformando nossos pensamentos em gestos.

Lima Neto e Nóbrega (2014) nos apontam que:

As imagens cinematográficas amplificam nosso olhar, alteram nossa percepção, nos retiram da paisagem comum para nos permitir ver de outras maneiras, encantados com a magia do cinema e o poder de suas imagens em movimento. Mergulhamos num universo em que histórias são contadas em um tempo e em um espaço dilatado da percepção cotidiana. (LIMA NETO; NÓBREGA, 2014, p. 91).

A experiência corporal é a presença viva em movimento, no tempo e no espaço, em uma relação homem-mundo. Essa inserção e interpretação das narrativas educativas que tratam sobre lúdico, expressividade, música, dança, teatro e práticas da cultura de movimento, com o foco de extrair significações que dialoguem entre si e ampliem as noções de corpo e educação.

Figura 4 – Acampamento de final de ano



Fonte: Extraordinário, 2017.

O corpo com deficiência passa por processos de aceitação/rejeição de sua condição existencial, pois está intimamente ligado à percepção. No decorrer do filme, a rejeição do corpo com deficiência física, que é estigmatizado com o preconceito e a discriminação, vivenciados inicialmente na escola. Mesmo as crianças que o

discriminaram, reconheceram isso, deixando claro que suas cicatrizes não o definiam e sim suas atitudes.

Na obra filmica analisada, compreendemos a forma dos corpos com deficiência física se expressarem e sentirem, através de uma nova comunicação e sensações sensíveis, partindo dos conceitos fenomenológicos do corpo próprio e do corpo estesiológico, percebendo o ser humano e sua existência no mundo. As histórias passadas nas telas dos cinemas, através de suas tramas, são retratadas com emoção, sentimentos e muita veracidade, sejam obras fictícias ou embasadas em fatos reais, transformando nossa forma de ver e entender as coisas. “O cinema é a mais autorreferente de todas as formas de arte, cita a si próprio o tempo todo, ao longo de seus mais de cem anos”. (DUARTE, 2009, p.51)

Após apreciarmos um filme, nos apropriamos das sensações e impressões que ele imprime, refletimos sobre as experiências na nossa relação com o mundo, a intercorporeidade como possibilidade de instituir vínculos de afeto e de conhecimento de si e do outro, numa perspectiva da compreensão fenomenológica, dando coloração a nossa existência e na relação com o outro, configurada na dimensão humana. O corpo é lugar de abertura para o outro. (MERLEAU PONTY, 1999).

Assim podemos considerar que as narrativas filmicas nos fomentam para uma análise reflexiva sobre a estesiologia, a intercorporeidade, da subjetividade da criança com deficiência física. Nesse sentido a noção de intercorporeidade articula-se à estesia do sentir, apresentando-se como possibilidade de se estabelecer vínculos de afeto e de conhecimento de si e do outro. (BELO, 2020)

O potencial educativo da sétima arte, nos impacta grandemente, seja de maneira intelectual ou afetiva, pois nos permite uma compreensão dos corpos deficientes, de nós mesmos e do mundo, com olhares e formas diferentes, educando-nos não necessariamente de forma pedagógica, mas de modo empático e humano, contribuindo para ampliar a visibilidade da pessoa com deficiência física no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da narrativa filmica reconhecemos aspectos importantes para abordar a intercorporeidade das pessoas com deficiência física numa temática mais humana. O cinema nos proporciona uma experiência perceptiva para a compreensão desse corpo, nos fornecendo outras possibilidades no enredo do filme, nos personagens e suas experiências enquanto corpo.

As significações educativas sobre a deficiência física e a expressividade corporal nas produções cinematográficas, nos leva a um outro modo de pensar e a subjetividade do corpo diferente. A linguagem cinematográfica é cativante, ela além de ser influenciada por aspectos sociais, afetivos e educativos, também os edifica.

Os objetivos do estudo foram alcançados, mas como tudo que é cativante, sempre deixa espaço para mais pesquisas, instigando novos saberes. Portanto, em momento oportuno perspectivamos aprofundar mais os estudos sobre a temática abordada com grande relevância para a práxis profissional na escola, bem como em novos desdobramentos e ampliações de debates da pesquisa acadêmica na pós-graduação, haja vista que o estudo é um recorte dos investimentos feitos no período da iniciação científica na graduação em pedagogia.

Por fim, percebemos que a investigação em si proporcionou um conjunto de valiosos ensinamentos a partir das cenas nas quais são explicitados os espaços de resistência e as transformações, acolhimento e elaboração de novos aprendizados e laços afetivos, compondo um olhar diferenciado a esse corpo e a sua relação com o mundo, pois o corpo vivido não é só um fenômeno biológico, mas a subjetividade desse corpo está vinculada ao ambiente que ele habita, pois está presente no mundo e nele interage, transcendente de si mesmo, e se organizando segundo sua significação. Concluímos que, através desta narrativa filmica, o exercício de olhar e apreciar as produções, contribui para ampliarmos e reconhecermos aspectos importantes para abordar a intercorporeidade das pessoas com deficiência física, numa temática mais humana e potencializadora do viver.

REFERÊNCIAS

CAMINHA, I. O. 10 lições sobre Merleau-Ponty. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

- BELO, A. Z. A. V. O corpo com deficiência física e a intercorporeidade no cinema: uma abordagem fenomenológica. Universidade Federal de Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Educação. (Tese de doutorado)1571. Natal/RN: UFRN, 2020.
- DUARTE, R. Cinema e Educação. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- LIMA NETO, A. A.; NÓBREGA T. P. Corpo, cinema e educação: cartografias do ver. Revista Holos (Online), ano 30, v. 5. 2014. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2530> Acesso em: 15 fev 2020. LOPES, R. R. O. Corpo, percepção e cultura de movimento no cinema. Natal/RN, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-graduação StrictoSensu em Educação Física. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande no Norte. Natal/RN, 2015.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo/SP: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. Psicologia e pedagogia da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NÓBREGA, T. P. Fenomenologia do corpo. São Paulo: Livraria da física, 2010. NÓBREGA, T. P. Corporeidades: Inspiração merleau-pontianas. Natal: IFRN, 2016.
- NÓBREGA, T. P. (Org.). Estesia: corpo e fenomenologia em movimento. São Paulo: LiberArs, 2018.
- ROVALETTI, L. Corporalidad, la Problemática del Cuerpo en El Pensamiento Actual. Buenos Aires: Lugar, 1998.
- EXTRAORDINÁRIO. Título Original: Wonder. Direção: Stephen Chbosky. Filme. 113 min. EUA, 2017.